



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ERIC FIRMINO MENDES

**CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Uso da tecnologia na Escola Nila
Ferreira, Fagundes - PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ERIC FIRMINO MENDES

**CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Uso da tecnologia na Escola Nila
Ferreira, Fagundes - PB**

Artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento do requisito necessário para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador (a): Prof^a.: Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

CAMPINA GRANDE - PB

2014

M538c Mendes, Eric Firmino.

Construção da educação geográfica [manuscrito] : uso da tecnologia na Escola Nila Ferreira, Fagundes-PB / Eric Firmino Mendes. - 2014.

25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia. 2. Recursos didáticos. 3. Prática docente. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

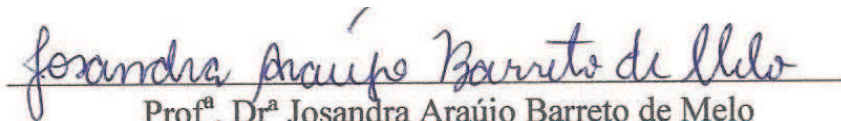
ERIC FIRMINO MENDES

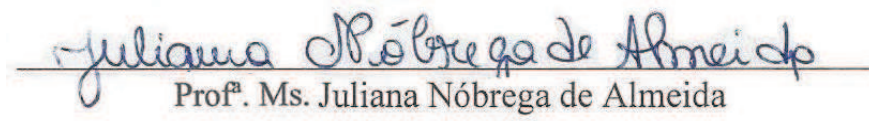
**CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Uso da tecnologia na Escola Nila
Ferreira, Fagundes - PB**

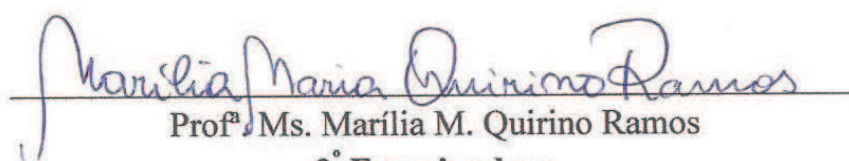
Artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em cumprimento do requisito necessário para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovado em 28 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo
Orientadora


Prof.^a Ms. Juliana Nóbrega de Almeida
1º Examinadora


Prof.^a Ms. Marília M. Quirino Ramos
2º Examinadora

CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: Uso da tecnologia na Escola Nila Ferreira, Fagundes - PB

Mendes, Eric Firmino¹.

Resumo

A temática construção da educação geográfica se mostra de grande importância atualmente, uma vez que o avanço tecnológico nas últimas décadas, em especial nos meios de informação e comunicação, tem mudado significativamente o modo como se percebe o mundo e essas tecnologias têm sido gradualmente integradas à educação. A partir desta compreensão, o presente artigo foi desenvolvido tomando por base uma pesquisa *in loco* desenvolvida a partir da prática docente na Escola Municipal Nila Ferreira, localizada no centro de Fagundes – PB, no período entre agosto e novembro de 2013. Foi possível, através da observação e aplicação de questionários junto aos alunos, identificar alguns problemas que dificultavam o ensino-aprendizagem da Geografia e, a partir desse levantamento, foi proposto o uso do recurso data-show na prática docente para minimizar os problemas diagnosticados. Dessa forma, o presente estudo tem o objetivo de contribuir para a formação do professor, principalmente, no que diz respeito a análise de como o uso de aparatos tecnológicos, em especial o data show, pode contribuir para aulas mais significativas para os discentes, assim como contribuir para o uso mais produtivo do tempo disponível para cada aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Recursos didáticos. Data show.

¹Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:ericmendes17@hotmail.com

1. Introdução

O avanço tecnológico nas últimas décadas, em especial nos meios de informação e comunicação, tem mudado significativamente o modo como vemos e percebemos o mundo que nos cerca. “Quanto maior a inserção da ciência e da tecnologia, mais um lugar se especializa, mais aumenta o número, intensidade e qualidade dos fluxos que chegam e saem de uma área.” (SANTOS 1988, p. 51). Informações mais rápidas, conteúdos diversos, o mundo integrado, tudo isso faz parte da sociedade contemporânea.

Todas as esferas da sociedade são mudadas e repensadas sobre a ótica dos recursos tecnológicos, como segurança, saúde, comércio. Então por que não integrar a educação escolar nesse contexto? Por meio das disciplinas escolares, especialmente a Geografia, sendo a mesma uma área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Sendo assim, estuda a sociedade, a natureza, e suas interações entre si e com o espaço, desse modo, os geógrafos têm conhecimento privilegiado sobre o mundo que os cerca. O ensino de Geografia fornece aos estudantes subsídios significativos para compreensão e interpretação do espaço, pois proporciona aos alunos a possibilidade de compreenderem a sua posição no conjunto de interações entre sociedade e natureza, no qual os mesmos se colocam como agentes ativos no processo produtivo referente ao espaço geográfico.

No ensino de Geografia, há diferentes conteúdos a serem trabalhados e diferentes maneiras de serem ministrados e, claro, recursos didáticos, pensados e repensados no planejamento de cada profissional da educação, que melhor se encaixem na proposta de cada aula. Desse modo, ministrar aulas apenas de forma verbal, sem maior problematização no contexto social e sem uso de recursos, se torna um entrave para os professores da área geográfica, pois a aula se torna cansativa, repetitiva e pouco proveitosa para os alunos.

Assim, o presente trabalho surgiu com o objetivo de analisar e refletir sobre como o uso de novas tecnologias, em especial o data show, no ensino de Geografia nos dias atuais pode proporcionar aulas mais significativas e interessantes para os estudantes, bem como contribuir para o uso mais produtivo do tempo de cada aula. Para tal, foi feita uma pesquisa de campo com aplicação de questionários e entrevistas, análise de discursos, assim como pesquisa bibliográfica teórico-conceitual a respeito da temática e do objeto de estudo. Tendo como métodos a fenomenologia e o positivismo.

A utilização de tecnologias de multimídia nas salas de aula, mais especificamente o data show, se faz cada vez mais necessária frente aos tradicionais livros didáticos, giz e quadro negro, pois tal tecnologia proporcionaria aulas mais dinâmicas. Não queremos propor

que o uso de multimídia nas aulas de Geografia seja encarado como “redentor da educação”, ou que sua simples utilização tornará as aulas mais atraentes para os estudantes, antes, queremos analisar como podemos cativar e conseguir a atenção dos estudantes utilizando as novas tecnologias.

As transformações vividas pelo mundo contemporâneo parecem não ter ultrapassado os muros das escolas, e há em muitos casos uma rejeição natural pelo novo, fato que impede a busca de novas alternativas e novos recursos. As tecnologias surgem para facilitar a vida humana e seus afazeres, assim entendemos que a escola continuará utilizando o quadro negro, o giz (ou similares) e o livro didático, entretanto, é cada vez mais inevitável ignorar o computador, a internet, o data show, entre outros. na vida e no cotidiano escolar. As novas tecnologias fazem parte da vida dos alunos, portanto, a escola não deve desprezar ou negligenciar essa realidade.

2. Professor, aluno, escola e prática de ensino

Muito se discute sobre o que é e como ser um bom professor, como ministrar boas aulas e como utilizar os recursos didáticos de forma a melhorar a aprendizagem dos alunos. Concordamos com Mombeig (1954, p. 12), quando diz que “Conhece-se o bom professor pela sua arte em graduar as dificuldades e em saber adaptar o ensino a idade mental e a qualidade de seus alunos”. Assim, o bom professor deve relacionar os conteúdos com a realidade dos alunos para superar as dificuldades dos mesmos com o ensino de Geografia. O aluno deve sentir que os conteúdos ministrados fazem sentido para sua vida. Tal ideia é expressa por Rohnelt (2009, p. 7):

O que antes era apenas um conteúdo o professor de geografia agora vai trabalhá-lo e abordá-lo de forma que os alunos participem, contribuam e percebam que aquele conteúdo realmente faz sentido, que faz parte da vida, do que esta ao seu entorno e que faz sentido entender, compreender e tentar buscar formas, alternativas de transformar a realidade com a participação e contribuição de todos.

Como destaca o autor supracitado, através dos conteúdos trabalhados é possível que o aluno tenha uma visão crítica do mundo. O professor deve mostrar o caminho a ser trilhado pelo aluno, ou seja, Rohnelt (2009, p. 4) ressalta que o mesmo deve “mostrar aos seus alunos, que eles fazem parte do mundo, e, que este mundo faz parte de suas vidas intrinsecamente [...]”. É importante ressaltar a necessidade de trazer para a realidade de cada aluno os

conteúdos a serem ministrados, aproximando a escala local com suas subsequentes. Rohnelt (2009, p. 4) explica que:

[...] cabe ao professor orientar e mediar essa relação, buscando e se utilizando se estratégias cabíveis a cada realidade de turma levando em consideração suas peculiaridades, suas demandas. Onde estabeleça seus objetivos e faça da sua prática pedagógica, uma fonte de riqueza e de possibilidades visando formar acima de tudo, formar alunos cidadãos conscientes da sociedade em que vivem.

Cabe ao professor buscar estratégias que tornem mais fácil a aprendizagem dos discentes e, acima de tudo, que os tornem cidadãos conscientes e ativos na sociedade. Porém, o discurso de vários profissionais da educação, acerca de ser um bom professor, esbarra na desculpa de não haver nas escolas, em sua maioria, uma infraestrutura adequada nem recursos didáticos (com exceção do quadro negro, do giz e/ou pincel e do livro didático) que possibilitem a ministração de boas aulas. Mas, como diz Aquino (2010, p.78) “o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos, independente do espaço e da infraestrutura que lhe seja disponibilizado”. O professor deve, independente do material disponível, buscar despertar o aluno para a passagem do conhecimento empírico para o saber científico.

No entanto, em muitos casos, o professor tornou-se refém do livro didático, os conteúdos e conceitos presentes neles são repassados como verdades inquestionáveis para os alunos. Assim, conforme Luckesi (1992, p. 56), “os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais [...]” (). Idéia defendida por Vesentini (1992), ao ressaltar que não é por meio da supervalorização dos conceitos já prontos que se vai construir um ensino de Geografia voltado para a percepção e o conhecimento crítico do educando frente ao seu meio. Essa supervalorização de conceitos pré-estabelecidos não desperta no aluno o interesse e a importância do que está sendo estudado em sala de aula, pois nada do que ele vê e aprende em sala pode ser utilizado em sua vivência. Isso torna o ensino-aprendizagem um processo difícil de ser alcançado. Como afirma Castrogiovanni (2009), existe pouca aproximação da escola com a vida e com o cotidiano dos alunos, a escola não é atraente frente ao mundo contemporâneo.

Deve-se ter a ativação de uma prática que ajude os alunos a exercitar a mente, e habituá-los a reconhecer as relações entre os conteúdos apresentados pelo professor e os fenômenos que ocorrem em seu meio social. De tal forma, os usos de recursos tecnológicos nas aulas de Geografia podem torná-las mais atraentes e estimulantes para os estudantes, pois

assim, imagens, textos, charges, entre outros. podem ser projetados, por exemplo, com o uso do data show para buscar atrair a atenção dos alunos.

3. Geografia e multimídia

O termo multimídia pode ser empregado de diversas formas, cada conceito é estabelecido com a sua finalidade. Assim, cabe ressaltar aqui que conforme as idéias de Chapman (2000) e de Flockiger (1995), Silva (2011) define multimídia como a integração de múltiplos meios de comunicação, como textos, fotografias, gráficos, vídeos, áudio, animações, entre outros. A partir dessa definição, torna-se de melhor compreensão sua inserção no processo educativo.

O mundo está em constante transformação, as informações são repassadas em velocidade, até pouco tempo atrás, inimagináveis. O surgimento de inovações tecnológicas a todo instante tem contribuído cada vez mais para esse processo de integração mundial, conforme destaca a literatura de Pretto (2011, p. 11):

A velocidade com que as informações são difundidas praticamente de todos os lugares do mundo ocorre por meio de recursos tecnológicos. Telefones, vídeos, televisão, computadores, satélites são recursos desenvolvidos e equipamentos aperfeiçoados, em que engloba todos os recursos audiovisuais.

As inovações tecnológicas atingiram e transformaram todas as áreas da vida humana e, conforme Vieira *apud* Silva (2011) tais inovações, também, chegaram à área da educação, fazendo com que os professores vivenciem uma cultura, cada vez mais, tecnológica. O giz, o quadro negro e principalmente o livro didático não são mais os únicos recursos disponíveis aos professores para ministrar aulas, apesar de saber que a realidade de muitas escolas públicas do nosso país ainda é baseada nos três recursos citados, onde os profissionais da educação precisam de miraculosos planos de aula para conseguir ministrar uma aula que forneça conhecimentos básicos aos discentes.

Em muitos lugares, as aulas de todas as disciplinas, inclusive Geografia, têm sido repetitivas e cansativas, como destaca Taquary & Fagundes (2009) muitas vezes o ensino apresenta-se desvinculado do cotidiano do aluno e da realidade socioeconômica da escola, que fica cada vez mais difícil perceber os conteúdos e conceitos expressados nas aulas em nosso dia-a-dia. Utilizar apenas o giz, quadro negro e livro nesse contexto, contribui ainda mais para

a visão de que a Geografia escolar é uma mera descrição e memorização de fatos e nomes não vinculados à realidade vivenciada pelos estudantes.

Grande parte dos alunos são constantemente influenciadas pelas novas tecnologias e seus veículos de comunicação, como a televisão, cinema, games, celulares, computador e internet, desse modo, como afirma Vieira & Sá (2010) dificilmente esses alunos vão se interessar pelas explicações homogêneas e teóricas do professor. Nesse contexto, de acordo, Taquary & Fagundes (2009), pode-se afirmar que o educador tem a necessidade e o dever de integrar essas inovações tecnológicas ao seu trabalho, porque esse é o “mundo dos alunos”, essa é a “linguagem deles”. É preciso aproximar a escola à essa realidade tecnológica e o professor deve recorrer a essas ferramentas para, quando possível, dinamizar suas aulas. Belloni (2005p. 24) comenta que:

O aumento da adequação e da produtividade dos sistemas educacionais vai exigir, nesta passagem do século e de milênio, a integração das novas tecnologias de informação e comunicação, não apenas como meios de melhorar a eficiência dos sistemas, mas principalmente como ferramentas pedagógicas efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo.

Tv e vídeo, aparelho de som, retroprojetor, data show, internet, entre outras, são algumas das novas opções que podem ser usadas como ferramentas que facilitam o ensino-aprendizagem e a partir delas podem ser projetados os pontos mais importantes dos conteúdos, exibir imagens, filmes, animações, tendo sempre como base o professor como o facilitador do conhecimento. Como afirma, Cavalcanti (2002, p. 84) “é preciso que o professor [...] se aproprie deles (meios tecnológicos) como ferramentas auxiliares em seu trabalho” A utilização desses recursos torna as aulas mais atraentes e estimulantes. Entretanto, é bom ressaltar, como afirma Santella (2003, p. 25) que:

Mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo.

Concordamos com o autor acima quando afirma que as mídias são apenas meios, do qual os profissionais da educação devem apropriar-se para melhorar a interação com os alunos. Idéia também defendida por Correa, Fernandes & Paini (2010, pg. 92), onde:

[...] a tecnologia deve ser inserida nas escolas, **não sendo vista como fim**, acabado, imposto e inalterável, mas como meio, que visa desvendar, incrementar, analisar e vivenciar a prática do professor em sala de aula, **com um único objetivo, o de**

favorecer e despertar o interesse do aluno pelo conhecimento científico. (grifos meus)

Sobre essa perspectiva, Puerta & Nishida (2010) destacam que os recursos tecnológicos não devem ser um fim, esses recursos, isoladamente, não garantem a dinamização da aula e devem ser encarados como um meio de despertar a atenção dos alunos para o que está sendo trabalhado em sala, mas sempre, sendo o professor o mediador do conhecimento. Assim como ressalta, Moreira & Ulhôa (2009, p. 77) “Sem a participação do professor como mediador, as mensagens veiculadas pelas diversas mídias muitas vezes se tornam esvaziadas de sentido”.

A inserção de tecnologias na sala de aula ampliou as possibilidades de novas práticas de ensino pelos professores, entretanto, expor um determinado conteúdo em um data show em si não trará mudanças significativas para as aulas se o professor não colocar-se como mediador, é o professor que deve conduzir as discussões e orientar os estudantes na construção da Geografia que esta presente no seu cotidiano.

O professor deve exercitar a reflexão crítica de sua prática, ultrapassar a barreira do comodismo, buscar novas alternativas de ensino. Esse educador que busca refletir sobre seu desenvolvimento profissional e sobre sua prática, é definido por Utsumi (2006) como sendo aquele caracterizado pela sua prontidão em analisar seus erros, analisar criticamente seu próprio raciocínio, sendo o mesmo desafiado continuamente à aprender algo novo, onde seus erros, na verdade, servem de subsídios para reflexões a respeito de sua prática cotidiana de ensino. Utsumi (2006, p. 3) continua afirmando que “para o professor reflexivo, a competência e a consciência profissionais consistem na disponibilidade para tentar tudo o que for possível para conjurar o fracasso”.

Para Laurillard *apud* Faria, (2004, p. 7) o professor deve está sempre disposto a rever “os conteúdos, a metodologia, os recursos e, assim, encontrar novos caminhos [...]”. E esses novos caminhos não são receitas prontas, acabadas e inalteráveis, fornecidas aos professores na sua formação inicial, antes, devem ser construídos no dia a dia, a cada aula em conjunto com seus alunos.

De acordo com Borges (2012) é bom salientar que o uso indiscriminado da concepção de professor reflexivo pode gerar “fins opostos”. Para esse mesmo autor, corre-se o perigo de os professores serem responsabilizados pelos problemas estruturais do ensino, logo, essa visão de que “os docentes devem refletir mais sobre sua prática” leva a supor que os problemas educativos estão a cargo apenas dos professores. O citado autor complementa seu

discurso sugerindo a necessidade de aprofundamento nessas análises para se evitar a confusão e desgaste do princípio da reflexão.

O professor, pelo desprestígio e desvalorização que vem sofrendo nos últimos anos, com salários insuficientes e condições de trabalhos por vezes lamentáveis, não tem a responsabilidade de ser sozinho o agente principal de uma “revolução” social e/ou no sistema educacional, entretanto, ele tem uma posição privilegiada para contribuir para a formação de cidadãos menos alienados e mais autônomos e atuantes na sociedade.

A tecnologia de multimídia, nesse contexto, deve ser utilizada pelos professores para estimular, instigar e aproximar os conteúdos a realidade do aluno. Unindo textos, imagens e sons, há um planejamento bem feito os resultados podem ser surpreendentes. Como salienta, Silva (2011, p. 15):

A tecnologia multimídia, desde que usada adequadamente, por meio da combinação de alguns dos seus recursos de um modo que não estimule apenas os olhos, mas também que instigue os seus ouvidos, ou seja, multissensorial, pode tornar a aprendizagem mais estimulante, interessante e relevante para os alunos.

Como relata o autor, com um uso adequado e planejado das mídias, as aulas terão potencial de atrair e estimular os alunos. Não trata-se, como afirma Vieira & Sá (2010), de desprezar “o professor do giz e da lousa”, nem tão pouco depositar nas novas tecnologias todos os anseios por aulas significantes que levem os alunos a um agir e pensar criticamente, antes, as tecnologias, tanto as mais modernas quanto as mais sobressalentes, são auxílios no trabalho do professor. Uma ferramenta tecnológica não pode ser encarada como substituta da ação efetiva do professor em sala de aula, visto que uma dada tecnologia por si só apenas pode fornecer informações e informação em si não é conhecimento, sobre isso, Ghedin (2012) afirma que o conhecimento é adquirido através da reflexão crítica, e para Pimenta (2012), a reflexão crítica é um atributo inato dos seres humanos.

4. Escola Municipal Nila Ferreira - Fagundes-PB

4.1. Caracterização da área de estudo

De acordo com o Projeto político pedagógico (2013, p. 10) o principal objetivo da Escola Municipal Nila Ferreira é:

Melhorar o processo de ensino e aprendizagem, buscando uma maior conscientização em relação as suas responsabilidades; oportunizando programas

educativos que integrem Família –Escola – Comunidade, em prol do desenvolvimento pleno de uma praticidade qualitativa do processo educativo.

Conta com 1106 alunos matriculados no ano de 2013, sendo 103 alunos no turno da noite.

A escola em estudo é dividida em dois blocos (Foto 01):

Bloco 1 - funciona a diretoria, secretária e cozinha. Durante o período da tarde recebe turmas do 6º ao 7º ano do fundamental II e no turno da noite recebe todas as turmas (fundamental II e ensino médio).

Bloco 2- recebe as turmas do 8º ao 9º ano do fundamental II (térreo) e ensino médio (1º andar).

Foto 01: Fachada da Escola Municipal Nila Ferreira



Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Conta com 19 salas de aula, 1 sala de vídeo, 1 sala de informática, 1 biblioteca, 2 pátios. As salas de aula são relativamente grandes e comportam confortavelmente 30 alunos, são arejadas e iluminadas adequadamente, existe um pequeno problema com 3 salas em específico por causa da entrada em excesso de luz solar. A sala de vídeo pode receber confortavelmente de 35 a 40 alunos, a sala de informática conta com número reduzido de computadores (20 unidades) em relação ao número médio de alunos por sala de aula. As bibliotecas são grandes e espaçosas, no entanto, seu uso é bem mais comum por alunos do ensino infantil e fundamental I. Os dois pátios que existem na escola têm tamanho insignificante, pois são muito pequenos e não comportam eventos que necessitem de participação de todos ou da maioria dos alunos da escola.

Estão disponíveis aos professores 2 aparelhos data shows, 1 notebook, 3 impressoras, 2 aparelhos de som (sem contar a sala de vídeo e os computadores da sala de informática, citados acima). Se formos analisar em números, podemos notar que há um déficit em recursos disponíveis para serem usados e trabalhados com alunos, pois há muitas turmas e poucos materiais. Tomando como exemplo o uso do data show, são dois aparelhos para 19 turmas (tarde) e para 10 turmas (noite).

4.2. Caracterização e identificação dos problemas nas turmas do 1º e 2º ano do ensino médio

As turmas de 1º e 2º ano do ensino médio no turno da noite funcionam com 2 aulas semanais de Geografia. O tempo de cada aula na escola no turno da noite é de 35 e 40 minutos, que por si só já traz problemas por ser tempo curto de aula. Algumas vezes esse tempo é reduzido para apenas 30 minutos.

Os diretores estão presentes na escola a noite de duas a três vezes por semana, como eu ministro aula apenas na segunda-feira dificilmente encontro com eles a noite. Uma grande dificuldade enfrentada no turno da noite é que as series são na categoria EJA – Educação de Jovens e Adultos, isso dificulta ainda mais o trabalho, pois o tempo é reduzido pela metade.

4.2.1. Turma do 1º ano

Possui uma sala bem ampla em comparação com o reduzido número de alunos, que ao todo são quatro, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. No entanto, apenas uma aluna teve frequência satisfatória nos primeiros encontros de aula, foi recorrente o fato de ministrar aula apenas para essa aluna. Nos últimos meses de aula, essa situação se inverteu, os alunos faltosos no início do ano letivo tiveram frequência satisfatória enquanto a aluna com mais frequência no início passou a ter muitas faltas.

As aulas de Geografia nessa turma acontecem no segundo e terceiro horário, ou seja, duas aulas seguidas, o que facilita a ministração das aulas. Notamos que os alunos são muito dispersos durante as aulas, mesmo que com um reduzido número de alunos, realizar aulas apenas com o livro didático e a dupla, quadro negro e giz, contribuíram para esse desinteresse.

4.2.2. Turma do 2º ano

Possui uma sala com tamanho relativamente grande, com 22 alunos, de longe o maior número de alunos do turno da noite. É formada por alunos jovens, com média de idade de 20 anos, mas possui tanto jovens de 16 anos como adultos com até 55 anos. As aulas de Geografia nessa turma acontecem no primeiro e no último horário, tornando-se um grave problema para a ministração de aulas, visto que uma parte dos alunos frequentemente chegam atrasados e alguns vão embora antes da última aula do horário. Além do que, há uma “quebra” na sequência das aulas, dificultando ainda mais uma boa aprendizagem por parte da turma.

Quadro 1. Horário da segunda-feira do 2º ano

1º horário	Geografia	18:30 às 19:10
2º horário	Matemática	19:10 às 19:45
3º horário	Matemática	19:45 às 20:20
4º horário	Português	20:35 às 21:10
5º horário	Geografia	21:10 às 21:50

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Outro problema, resolvido em meados de outubro, era o fato de praticamente todos os alunos não possuírem o livro didático, então havia a necessidade, quase que obrigatória, de escrever no quadro negro os conteúdos em todas as aulas. O que prejudicava os alunos, pois o tempo de cada aula (quadro 1) varia entre 35 e 40 minutos e boa parte desse tempo era utilizado para se copiar os conteúdos no quadro negro.

Se formos analisar todos esses fatores, aulas de curto período de tempo (35 a 40 minutos) fragmentadas no horário (primeira e última) e sem, no mínimo, o auxílio do livro didático, somados ainda com o fato de boa parte dos alunos trabalharem durante o dia (cansaço físico e desestímulo nas aulas) o ensino-aprendizagem era muito prejudicado. Então, havia a necessidade de se pensar em estratégias de ensino que contemplassem todas essas áreas e que favorecessem uma maior interação dos alunos. A solução encontrada foi à utilização, até então negligenciada, de tecnologias de multimídia, especificamente o uso do data show².

² O data show é um projetor, que reproduz a imagem ampliada captada num computador. O datashow é, portanto, um projetor digital, pois capta a imagem de um computador ou até mesmo de outros dispositivos eletrônicos. Disponível em: <http://datashowprojetor.com.br/data-show>.

5. Resultados e discussões

5.1. Expectativas acerca da prática pedagógica na Escola Nila Ferreira

Na Universidade Estadual da Paraíba o componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia é dividido em quatro semestres. Sendo os estágios I e II no ensino fundamental, I observação e II atuação e o estágio III e IV no ensino médio, III observação e IV atuação. Esses foram, sem dúvidas, os componentes curriculares mais tensos dos quais cursamos durante o curso e certamente foram minha maior preocupação ao receber, no primeiro dia letivo, a lista com toda a grade curricular do curso. Eu sequer gostava de pensar em estar a frente de uma sala de aula como professor, irônico pra um aluno de licenciatura! Ou talvez nem tanto, pois ao conversar com alguns colegas de curso percebo que muitos também compartilhavam dos meus medos e inquietações.

No primeiro dia de aula como professor do ensino médio, segunda semana de abril de 2013, foi conflituoso e me bateu um certo pavor, veio a mente meus próprios dias de estudante secundarista, tempos em que não me imaginava ser no futuro um professor. É quase inevitável não sentir medo na escola, é bom lembrar que até poucos anos atrás era eu o aluno de ensino médio, com todas as incertezas que cercam essa fase da vida, com tantas murmurações e reclamações que outrora fiz aos meus ex-professores, e saber que essa realidade pouco ou nada mudou e que serei eu o futuro alvo dessas críticas.

Ao entrei na sala, parei por um instante, e me vi diante de jovens e adultos com idade semelhante a minha e com idade de serem meus pais, que me olhavam de cima abaixo com um ar de ‘quem é esse?’. Confesso que minha vontade era de apresentar-me e falar alguma desculpa para ir embora.

Professor de ensino fundamental II há dois anos, lidando com crianças e jovens com médias de idade entre 12 e 14 anos, no ensino médio eu me encontrava fora da minha “zona de conforto”. Foi uma mudança drástica, encarei como um desafio. Nos primeiros minutos das aulas fui burocrático e muito formal, apenas falei boa noite, fiz a chamada e anotei meu nome no quadro. Começamos a conversar sobre como seriam as aulas, avaliações, conteúdos, etc. Depois de alguns minutos percebo que já não falávamos mais de assuntos só relacionados a escola, os alunos começaram a falar das dificuldades da vida e foi uma conversar proveitosa, houve o conhecimento de um pouco da realidade deles.

Posteriormente, foi ministrada a aula sobre “O Brasil inserido na economia mundial”, e ao final da aula, me despeço com um ‘boa noite’ e saio. Caminhando pra minha casa, ainda

com inquietações na cabeça, percebo que ser professor vai muito além de repassar conteúdos e mais conteúdos para os alunos, há uma grande responsabilidade social por traz de tudo isso, pois os alunos, como todas as pessoas, têm seus problemas e seus conflitos. Percebi que ser professor não é apenas falar há um público, mas, também saber ouvi-los.

5.2. Diagnóstico da percepção dos alunos sobre o ensino de Geografia

Foram analisados 20 questionários aplicados na turmas do 1º ano e 2º ano de um total de 26 alunos. Foi deixado claro que a participação era voluntária.

No perfil dos alunos, a média de idade é de 20 anos, sendo o aluno mais jovem com 16 anos e o mais velho com 55 anos. De início foi perguntado “qual ou quais os motivos de você estudar no turno da noite?”, a grande maioria, cerca de 75%, respondeu que trabalha durante a manhã e a tarde, sendo o turno da noite a única opção viável de tempo para estudar. Esse, por sinal, é um grande agravante no desempenho dos alunos, pois, a maioria deles chega em sala de aula cansados e desmotivados, isso é notório na fisionomia de alguns.

Quanto ao nível de interesse e importância da Geografia, o resultado chegou a ser surpreendente. A maioria dos estudantes respondeu que se interessa e gosta de estudar Geografia.

Tabela 1. Qual seu nível de interesse em estudar Geografia

Gostam e se interessam em estudar Geografia	70%
Não gostam e não veem nenhuma importância em estudar Geografia	15%
Não responderam	15%

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Nesse cenário em que 70% dos alunos gostam e se interessam pelo estudo da Geografia, era preciso que novas técnicas e recursos didáticos fossem empregados para despertar e potencializar esse anseio, visto que os tradicionais giz e quadro negro não estavam atendendo as necessidades da turma. (O livro didático não entra nesse contexto, pois o mesmo foi entregue apenas em meados de outubro).

Sobre a importância da Geografia, as respostas foram variadas, todas baseadas em estudar o mundo, seguem as mais relevantes:

Aluno 1 (2º ano) “*Gosto porque estuda o mundo, os climas, os países, o relevo etc.*”

Aluno 2 (2ºano) “*Gosto de conhecer o mundo em que vivemos, estudar os fenômenos que ocorrem no planeta*”

Aluno 3 (1º ano) “*Gosto porque estudamos sobre o mundo que nos cerca*”

Em relação ao livro didático, grande parte dos alunos percebe que o livro faz diferença em seus estudos, pois sem ele é difícil estudar e responder exercícios, sem o livro é necessário, em alguns casos, o acesso a internet, como a maioria trabalhar nos turnos opostos da noite é difícil conseguir tempo para pesquisar.

Tabela 2. Importância do livro didático.

Responder a exercícios	35%
Fazer pesquisar e estudar em casa	30%
Não faz muita diferença ter ou não	5%
Não responderam	30%

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Quanto às atividades a serem realizadas em sala proporcionariam aulas mais interessantes e estimulantes, as respostas foram as seguintes:

Tabela 3. Atividades que proporcionassem aulas mais interessantes.

Vídeos/Filmes, computador, data show/retroprojektor	50%
Atividades para se fazer em sala de aula	10%
Passeios/aula de campo	5%
Mais leituras	5%
Não responderam	30%

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Do total de alunos pesquisados, metade relatou que nas aulas deveria ter o uso de tecnologias de multimídia (Vídeos/Filmes, computador, data show/retroprojektor, etc), e que essas ferramentas poderiam ser um estímulo a mais para o estudo. É bom lembrar que essas tecnologias têm um potencial de atrair a atenção dos alunos, mas, o trabalho de planejamento e de motivação continua a ser do professor. É importante observar que 30% dos alunos não responderam a essa pergunta, o que supõe que essa parcela da turma não tem interesse no conhecimento da Geografia.

Perguntados qual a opinião deles em relação a aulas apenas com o giz e o quadro negro (o não uso do livro didático já foi mencionado acima).

Tabela 4. Sua opinião em relação ao uso nas aulas apenas com giz e o quadro negro.

São desinteressantes	60%
São ruins	30%
Gosto de aulas quando copiam no quadro	5%
Não responderam	5%

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Nessa questão a turma foi enfática em relatar que aulas baseadas apenas nesses dois recursos didáticos são desinteressante ou ruim com 90%. Assim, é preciso repensar sobre o uso de novas ferramentas pelos professores. Um fato curioso, é que um dos alunos gosta de aulas utilizando apenas o giz e o quadro negro.

Diante do quadro geral apresentado, a partir de observações feitas e pela análise dos questionários expostos acima, foi proposto as turmas o uso do Data Show para tornar as aulas de Geografia mais interessantes e minimizar os problemas sofridos pelas turmas mencionados no tópico 4.2 deste estudo.

5.3. Análise da prática desenvolvida com multimídia na escola

Tomaremos como referência nesse trabalho, o uso do data show no período entre Agosto e novembro de 2013 nas turmas de 1º e 2º ano turno noite da Escola Nila Ferreira, Fagundes PB. As aulas ministradas com essa ferramenta se deu da seguinte forma: Uma vez a cada mês seriam lecionadas aulas com o auxílio do data show em cada turma, não seria possível o seu uso semanalmente visto que a escola dispõe apenas de 2 aparelhos de data show disponíveis para todos os professores do turno da noite, assim, foram quatro encontros em um total de oito aulas ministradas em cada turma.

Turma do 1º ano:

19/Agosto: Aula sobre Estrutura geológica da Terra.

02/Setembro: Aula sobre Formação e tipos de solos.

07/Outubro: Aula sobre agricultura brasileira: concentração fundiária.

11/Novembro: Aula sobre Brasil: Potência agropecuária

Turma do 2º

19/Agosto: Aula sobre dinâmica climática

02/Setembro: Aula sobre fatores locacionais e distribuição espacial das indústrias.

07/Outubro: População mundial

11/Novembro: Processo de urbanização mundial

As formas de utilização do data show mais recorrentes foram:

Vídeos: contendo cenas de filmes, documentários, reportagens e até pequenas animações que tenham relação com o tema da aula e com pouca duração de tempo, no máximo 15 minutos, que serviram para instigar perguntas dos alunos e gerar debates durante as aulas. Por exemplo, trecho do filme tempos modernos.

Imagens: Para ilustrar o que estava sendo passado e estudado em sala, serviram principalmente como forma de comparação, onde eram projetadas duas imagens que deveriam ser comparadas. Exemplo, agricultura no Brasil hoje e há 50 anos.

Textos: Eram feitos tópicos a serem seguidos durante as aulas, serviam como roteiro economizando tempo de copiar no quadro e os alunos tinham uma base para os estudos em casa.

Foi necessário inicialmente uma explanação sobre o tema da aula, onde foi discutido, de forma expositiva, os conceitos envolvendo os temas (Ex: o que é solo, o que tempo e clima, etc.) em seguida foi utilizado o data show das formas já citadas acima. Dessa maneira, a aula se tornou mais interessante e dinâmica, houve maior participação por parte dos alunos e foi bem menos cansativa.

Ao fim do ciclo de aulas com o data show foi aplicado um novo questionário com os alunos, para investigar se seu uso conseguiu atingir os objetivos de aulas mais significativas, interessantes e um uso mais produtivo do curto tempo de cada aula. No novo questionário, foram feitas duas perguntas, uma objetiva e a outra subjetiva a respeito do uso do data show nas aulas.

Tabela 5. Como foram aulas com o uso do data show

Ótimas	20%
Boas	55%
Regulares	20%
Ruins ou Péssimas	5%

Fonte: MENDES, Eric Firmino. Pesquisa de campo, 2013.

Grande parcela dos estudantes aprovou o uso do data show nas aulas, como mostra a Tabela 5, cerca de 75% dos alunos achou ótima ou boa as aulas com essa ferramenta tecnológica. Após responderem a essa pergunta, os alunos tiveram a oportunidade de

responder a uma pergunta subjetiva, onde eles deveriam relatar as experiências vivenciadas com o uso do data show. Desta forma, foi possível englobar as respostas dos alunos em três grupos: Vantagens do uso do data show nas aulas; Importância do professor no processo de ensino com o uso do data show e; Críticas ao uso do data show. Foram transcritos, na medida do possível, alguns comentários para servir como base de análise.

5.3.1. Sobre as vantagens do uso do data show

Os alunos relataram que o data show tornou as aulas mais atrativas.

Aluno A (2º ano) *“A aula ficou mais interessante, pois agora a gente pode visualizar o que o professor fala e dá pra até apresentar trabalhos.”*

Aluno B (2º ano): *“Era mais complicado entender os assuntos com o professor apenas copiando e falando, a gente já chega cansado do trabalho e ficar só olhando pra cara do professor é muito chato, agora a gente consegue prestar um pouco mais de atenção e visualizar o que o professor está falando”*”

Aluno C (1º ano): *“Foi bom o uso do data show, deu para professor economizar tempo da aula sem tá tendo que copiar direto e ficou com mais tempo pra explicar os assuntos”*

Aluno D (1º ano): *“É mais fácil de aprender quando você consegue ver o que o professor fala, os vídeos e as imagens ajudam muito”*

Como podemos perceber por alguns relatos dos próprios alunos, foi proveitoso o uso da multimídia para dinamizar a aula e para usar racionalmente o tempo de cada aula. Savi (2009) em um trabalho intitulado de “Utilização de Projeção Multimídia em Salas de Aula” comprova através de questionários aplicados a docentes e discentes que os alunos não ficam apenas na imaginação, por vezes equivocada, daquilo que está sendo explicado pelos professores, pois recebem uma complementação visual por meio dos recursos multimídia. O autor ainda complementa que:

Foi notada uma redução da dispersão, particularmente em uma turma com problemas de disciplina que, em aulas com o equipamento, conseguiu ter maior interesse. Prender a atenção do aluno é um dos maiores desafios que os professores enfrentam, e o projetor multimídia parece ter auxiliado nisso. (SAVI, 2009, p. 8)

Mello (2009) em seu trabalho “TV MULTIMÍDIA NA SALA DE AULA” demonstra através dos relatos de alunos como foi proveitoso para o ensino o uso da ‘TV Multimídia’³ que é um aparelho com funções semelhantes ao data show.

Aluno 1. O uso da TV desperta uma curiosidade e vontade de aprender e de interagir mais na aula, mas nem todos os professores pensam assim e deixam de lado esta tecnologia.

Aluno 2. A TV Multimídia é muito interessante, acompanhado de discussões e debates.

Aluno 3. A TV Multimídia facilita a aprendizagem, é muito melhor assistir apenas algumas cenas do filme, [do que o filme todo, no caso de vídeo comercial] é mais fácil de entender.

Aluno 4. A TV foi muito importante para nós, pois, ela nos ajudou bastante, ela foi fundamental em nossa aprendizagem e nos ajudou a entender melhor uma coisa e outra. (Mello, 2009, pg. 4)

Ainda em seu trabalho, Mello (2009) retrata que na opinião dos estudantes as aulas com o uso de vídeos e imagens trazem o cotidiano para a sala de aula, pois “ilustram, comparam, exemplificam, comprovam” situações da sociedade. É demonstrar que a teoria está conectada e atrelada de algum modo a realidade dos alunos. Puerta & Nishida (2010), sobre seus próprios estágios, acreditam que as experiências com a multimídia foram construtivas e que de certo modo motivaram a participação dos alunos, que tem como consequência uma “aprendizagem significativa e prazerosa” para os alunos.

5.3.2. Importância do professor no processo de ensino com o uso do data show

Sobre essa questão os alunos relataram o seguinte:

Aluno E (2º ano): *“É bom ter o resumo do assunto no data show assim a gente não precisa esperar o professor copiar no quadro e com resumos a explicação do professor é melhor”*.

Aluno F (1º ano): *“O professor tem que explicar as coisas que tãõ no data show, se não num da pra entender nada”*.

³ ...televisores de 29 polegadas - com entradas para VHS, DVD, cartão de memória e pen-drive e saídas para caixas de som e projetor multimídia - Este se ajusta ao computador ou ao televisor desenvolvido exclusivamente para o Estado do Paraná - a partir de uma porta de entrada USB – conexão universal. Por meio desse dispositivo se transfere dados e informações que podem ser visualizados na tela da TV e de microcomputadores. A entrada para cartão de memória é uma conexão para dispositivos como os usados em máquinas fotográficas e filmadoras, principalmente para armazenar imagens.² Portal Educacional do Estado do Paraná. TV Multimídia. Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>

Nota-se assim, que o professor não pode confiar única e exclusivamente no uso do data show ou de outras ferramentas tecnológicas, é preciso que a tecnologia seja uma colaboradora, um meio e não um fim no processo de ensino, que ela auxilie os alunos a serem mais críticos e atuantes na sociedade. Salienta, Almeida (2010) que é preocupante imaginar que alguns professores fazem seu uso (meios tecnológicos) para dar aulas cada vez mais ilustrativas, fragmentadas e descontextualizadas com a realidade vivenciada pelos estudantes.

5.3.3. Críticas e sugestões de uso do data show

Foi interessante notar que o uso do data show não foi algo fantasioso em que todos os alunos gostaram e que todas as aulas com essa tecnologia foram ótimas. No geral, como já mencionado anteriormente, o uso do data show foi bem aceito entre os discentes, mas, alguns deles deram sugestões de uso e mencionaram críticas que concordamos ser pertinente mencionar. O professor pode e deve utilizar as ferramentas tecnológicas de que dispõem as escolas, pedir sugestões aos alunos e construir junto com eles propostas de ensino que beneficiem o ensino-aprendizagem.

Aluno G: *“O professor podia usar mais vezes e deixar a gente também usar em alguns trabalhos”.*

Aluno H: *“O professor podia trazer alguns filmes pra gente assistir no data show, só aula direto também é chato”*

Aluno I (1º Ano): *“Não gostei, prefiro copiar do quadro, eu aprendo mais assim, não gosto de ficar olhando pro data show”.*

Aluno J (2º Ano): *“No final da aula é bom o professor só explicar, por que se for ler cansa e a gente pode acabar dormindo na aula. Mas no geral foi bom, deu para o professor não perder tempo da aula copiando no quadro.”*

Esses últimos discursos reforçam, um pouco, o que foi salientei no trabalho, que o professor não deve se prender unicamente ao uso das novas tecnologias, nem fazer delas o segredo do seu sucesso, antes, devem ser encaradas como meios. O mais importante é a metodologia aplicada pelo professor sendo este o agente mediador na construção do conhecimento e não um mero transmissor.

Torna-se necessário, antes do uso de uma nova ferramenta tecnológica na prática dos professores, uma discussão previa com os alunos, para que a partir da opinião dos mesmo o professor construa seu projeto de ensino que melhor atenda as necessidades de cada turma.

6. Considerações finais

O uso de novas tecnologias se faz presente em todas as áreas da vida humana e não seria diferente com a educação. Aulas com giz, quadro negro e livro didático não mais satisfazem aos anseios dos estudantes, ou pelo menos, não os instiga nem os motivam pois não abordam as realidades vivenciadas e experimentadas pelos alunos. É preciso pensar em novas estratégias e novos recursos didáticos que atraiam os jovens para o estudo da Geografia. A multimídia se apresenta como uma ferramenta de grande utilidade, pois pode aproximar a teoria da pratica através de vídeos, imagens, animações e inclusive textos, tornando a aula mais dinâmica e centrada na interação dos alunos com o professor e com o conteúdo ministrado.

A multimídia deve ser utilizada com planejamento, mas não de forma indiscriminada. O professor deve ter a sensibilidade de conseguir adaptar cada conteúdo com a forma que será passado, ou seja, a tecnologia deve estar a serviço do ensino-aprendizagem, e que seu uso não seja para cobrir buracos de planejamentos mal feitos.

Como foi visto, as aulas com o uso do data show, nas turmas do 1º e 2º anos do ensino médio da Escola Municipal Nila Ferreira no turno da noite, foram proveitosas e satisfatórias, com grande aprovação por parte dos alunos. Houve uma maior participação e interação entre alunos e o professor, as aulas de Geografia tornaram-se menos cansativas e foi possível utilizar o pouco tempo de cada aula com explicações dos conteúdos e não mais com escrever no quadro.

Abstract

The construction of Geographical Education shows to be of great importance nowadays, once technological progress in recent decades, especially in the information and communication media has significantly changed the way how we see the world and how these technologies have been gradually integrated with the education. From this understanding, this article was developed on the basis of an on-the-spot research developed from the teaching practice at Nila Ferreira Municipal School, located in the center of Fagundes-PB, between August and November 2013. It was possible, through observation and application of questionnaires among students, identify some issues that impede the teaching and learning of Geography and, from that survey, it was proposed the use of multi-media projector at the teaching practice in order to minimize the problems diagnosed. Thus, the present study has the objective of contributing to the formation of the professor, mainly regarding to the analysis of how the use of technological devices, in particular the data-show, can contribute to more significant lessons for the students, as well as contribute to the most productive use of the time available for each lesson. Keywords:

Key-words: Geography Teaching, Educational Resources, Data-Show.

7. Referências

ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira. **Tecnologia na Educação: impasses e perspectivas de UFC.** 2010.

AQUINO, José Junior. O aluno, o Professor e a Escola. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYZ, Sandra T. (Orgs.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. Pg. 78 á 85.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação.** Campinas: Autores Associados, 2005.

BORGES, Rita de Cássia Monteiro Barbugiani. O professor reflexivo-crítico como mediador do processo de inter-relação da leitura – Escrita. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito – 7 ed.** – São Paulo: Cortez, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antonio (org.) **Ensino de Geografia: pratica e contextualização no cotidiano -** Porto Alegre: Mediação, 2009. (7. Ed. Atual. Ortog.)

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.
CORREA, Márcio G. G; FERNANDES, Raphael R; PAINI, Leonor D. **Os Avanços Tecnológicos na Educação: Uso das geotecnologias no ensino de geografia os desafios e a realidade escolar.** In Acta Scientiarum. Human and social Sciences. Maringá, v 32. 2010.

FAGUNDES, Patrícia Santos; TAQUARY, Ian Bruno Mendonça. **Objetivos da aprendizagem**: Bases de aplicação nas aulas de geografia. Artigo científico publicado no 10º ENPEG 2009.

FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICHONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (p. 57-72).

FRANCISCO, C. M.; PEREIRA, A.S. **Supervisão e Sucesso do desempenho do aluno no estágio**. 2004

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

MELLO, Rosângela Menta. **Tv Multimídia na sala de aula** – SEED/PR. 2009

MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa. In: Boletim Carioca de Geografia, ano VII, 1954, nos. 1 e 2 ; e republicado como um capítulo do livro In : **Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira**, São Paulo, Difel, 1957.

MOREIRA, Suely Aparecida Gomes; ULHÔA, Leonardo Moreira. **Ensino de Geografia: Desafios à prática docente na atualidade**. Revista Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, pg 69-80, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PRETTO, Nelson. **Uma Escola Sem/Com Futuro: Educação E Multimídia**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

PUERTA, Lorena Lucas; NISHIDA, Paulo Roberto. Multimídia na escola: formando o cidadão numa ‘cibersociedade’. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYZ, Sandra T. (Orgs.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. Pg. 124 à 130.

ROHNELT, Priscila Barcelos Cardoso. **A percepção dos alunos sobre o ensino de geografia aplicado ao ensino fundamental**. Artigo científico apresentado no X ENPEG 2009.

SANTELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano** Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003 • quadrimestral

SANTOS, Milton. **Metamorfoses Do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SAVI, Rafael. **Utilização de Projeção Multimídia em Salas de Aula: observação do uso em três escolas públicas**. Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI) / Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC – Brasil. 2009.

SILVA, Bruna Menegon da. **Geografia e Multimídia**. Capivari – SP: CNEC, 2011.

UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. **É possível formar professores reflexivos que possam situar-se em níveis da realidade escolar?** Considerações acerca da formação de professores na construção de uma escola reflexiva. Vol. II N. 2 Jul – Dez / 2006 pp. B69 -77 ISSN 1809-3604

VESENTINI, José William. O método e a práxis (Notas polêmicas sobre Geografia tradicional e Geografia crítica). In: VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ática, 1992.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYZ, Sandra T. (Orgs.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. Pg. 101 à 116.